



REDE
TEMPO
BRASIL



Boletim do Tempo Presente - ISSN 1981-3384

A animação que desafia tiranos e reaviva anseios revolucionários no mundo árabe (Resenha do filme “Alephia 2053”)

Daniel Monnerat^I

A animação *Alephia 2053* foi lançada há alguns meses e já pode ser considerada um marco da cultura moderna árabe. O filme libanês atrai não apenas pela trama de tirar o fôlego ou pelos seus recursos gráficos, mas, acima de tudo, pela ousadia de falar em revolução em um contexto, que mesmo dez anos após a chamada Primavera Árabe, permanece altamente inflamável. A história acontece algumas décadas mais para frente, na fictícia República Democrática Popular de Alephia, uma nação controlada com mão de ferro por um tirano prestes a transferir o poder ao filho. Embora não seja verídica no sentido mais estrito, podemos dizer que o enredo se baseia em elementos bastante reais. Basta lembrarmos de alguns episódios de contestação na região que engloba o Norte da África e o Oriente Médio no início deste século.

Entre 2010 e 2012, milhões de pessoas saíram às ruas em diversos países contra déspotas que estavam aferrados ao poder havia décadas, causando a queda de quatro deles: Zine El Abidine Ben Ali, na Tunísia; Hosni Mubarak, no Egito; Muamar Kaddafi, na Líbia; e Ali Abdullah Saleh, no Iêmen. Outros dois alvos das manifestações daquela época se mantiveram por mais alguns anos: o sudanês Omar al-Bashir e o argelino Abdelaziz Bouteflika caíram em 2019.^{II} Isso além dos protestos que sacudiram nações como o Iraque e o Líbano entre 2019 e o ano passado.^{III}

Na fictícia Alephia, o ditador se mantém no comando concedendo benesses a uma pequena elite, enquanto a maior parte da população sofre com a miséria e a opressão. Ao seu herdeiro, o tirano dá a seguinte instrução, que é básica para qualquer ditador que se preze: “Governe o povo através do medo”. O líder trata o país como sua propriedade e esmaga quem ouse desafiá-lo. Porém, os planos do tirano são ameaçados quando um dos principais agentes policiais do país começa a desvendar o próprio passado.

A produção gira em torno de algumas questões-chave. Em 2053, a pichação de um jovem vira motivo de reunião de emergência do Conselho de Segurança Nacional. “Revoluções começam com um slogan!”, adverte o líder facínora. A situação é parecida com a Síria em 2010, quando na cidade de Daraa alunos inspirados pelo levante na Tunísia escrevem no muro de uma escola: “Agora é a sua vez, doutor”, referindo-se ao oftalmologista Bashar al-Assad.^{IV} Nos dois casos, a reposta é dura. Mas, em vez de amedrontar, a cruel repressão acaba sendo o estopim para ações rebeldes.

Em uma referência que nos lembra um conhecido conceito do filósofo britânico Jeremy Bentham, os foras da lei de Alephia são jogados em grandes prisões verticais onde as celas possuem grandes janelas, para que não só os guardas como também toda a população possa ver os presos. Os cidadãos desse país futurista vivem em um grande panóptico. A onipresença das câmeras de vigilância pode parecer exagerada, mas não é necessário um grande exercício de imaginação para acreditarmos que algo semelhante possa acontecer em breve, mesmo em países

A ANIMAÇÃO QUE DESAFIA TIRANOS E REAVIVA ANSEIOS REVOLUCIONÁRIOS NO MUNDO ÁRABE

MONNERAT, D.

ditos democráticos. Hoje somos observados onde quer que estejamos nos grandes centros urbanos, graças a sistemas de vigilância públicos e privados. Além disso, já estão sendo empregadas tecnologias capazes de verificar cada superfície de nossos corpos com reconhecimento facial, infravermelho, raio-x... Vivemos cada vez mais sob constante inspeção.

Contudo, a mensagem mais incisiva da animação libanesa talvez esteja em mostrar que a tecnologia usada para oprimir seja, ao mesmo tempo, uma arma fundamental para os oprimidos. Mais do que pedras e coquetéis molotov, os telefones celulares e computadores se tornam mais eficazes contra uma tirania. Novamente, a ficção se espelha na nossa realidade presente. Uma grande batalha é travada no ciberespaço, entre governos despóticos e movimentos sociais em rede. O slogan ameaçador não está somente na pichação do jovem, ele aparece nas telas e monitores com as mensagens transmitidas e retransmitidas em conexões instantâneas, constantemente alimentadas, readaptadas e ampliadas. E essa mesma fluidez do ciberespaço está sendo transferida para o espaço público.

Mas esse fator abordado pelo filme nos leva a questionar até que ponto as mobilizações *online* podem acarretar mudanças efetivas. Ao se referir às revoltas árabes do início da década passada, o sociólogo iraniano Asef Bayat fala em um plano bem executado de mobilização, graças em grande parte às redes sociais, que pegou os regimes de surpresa com inovações na forma de organizar os protestos. Porém, ressalta que não houve uma proposta ampla e aprofundada de quebra do sistema.^V Os grupos que promoveram o projeto revolucionário não seriam representativos de toda a sociedade em suas nações, e estariam seguindo mais o caminho de uma reformulação daquilo que já existia do que propriamente de uma ruptura. Já a socióloga turca Zeynep Tüfekçi aponta para a rapidez com que os movimentos se formaram no espaço virtual. Isso teria levado a uma estrutura frágil. Para Tüfekçi, a resiliência de um movimento revolucionário é fruto de um “trabalho de longo prazo de negociação e interação” necessário para a construção de um projeto mais robusto, envolvendo a todos.^{VI} Em suma, buscou-se protestar primeiro para organizar depois. Tais fatores explicariam por que em países como o Egito o antigo regime tenha sido substituído por um que seria tão ou mais repressivo. Na própria Aleph, o poder para a mudança estava nas mãos de um grupo que dominava os meandros do ambiente virtual.

Mesmo assim, o filme nos permite vislumbrar saídas. A própria veiculação gratuita pela internet desse trabalho, que em outros tempos seria proibido nas salas de cinema de vários países, mostra-nos que algo mudou. Quanto mais inclusivas forem as conexões virtuais, mais atores estarão envolvidos em um processo que possa trazer mudanças profundas. Para falarmos em liberdade no “mundo real”, temos que antes que lutar pela abertura do ciberespaço.

Notas:

^I Mestrando em História Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

^{II} Em março de 2019, em meio a protestos crescentes, o então líder argelino Abdelaziz Bouteflika anunciou que estava desistindo de disputar um quinto mandato. O ex-ditador sudanês Omar al-Bashir foi deposto no mês seguinte.

^{III} As manifestações no Líbano começaram em outubro de 2019. Os manifestantes exigiam mudanças políticas e o fim da corrupção. O movimento de contestação já derrubou dois governos. O ex-primeiro-ministro Saad Hariri renunciou em outubro de 2019 e o sucessor Hassan Diab deixou o cargo em agosto de 2020. No Iraque, os protestos

A ANIMAÇÃO QUE DESAFIA TIRANOS E REAVIVA ANSEIOS REVOLUCIONÁRIOS NO MUNDO ÁRABE

MONNERAT, D.

contra a pobreza, o desemprego e a corrupção no começaram em outubro de 2019 e se prolongaram até o início de 2020. A repressão das forças de ordem deixou mais de 400 mortos, segundo a ONU.

^{IV} Cries from Syria. Dir. Evgeny Afineevsky. EUA: HBO, 2017. 1h51min. Filme disponível no endereço <https://www.youtube.com/watch?v=aCQcpQ-fPf4&t=355s>

^V BAYAT, Asef. **Revolution without Revolutionaries: making sense of the Arab Spring**. Stanford: Stanford University Press, 2017. pág. 18.

^{VI} TÜFECKÇI, Zeynep. **Twitter and Tear Gas: The Power and Fragility of Networked Protest**. New Haven: Yale University Press, 2017. pág. 270.

Filmografia:

ALEPHIA 2053. Direção de Jorj Abou Mhaya. Líbano: Spring Entertainment. 2021. 60min, son, colorido. Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=3IFUBbti4us&list=PLNfEiZsz_8-GCVxj5TZgObqjXRCifKzwS